

## **MÍSTICA NOS NOSSOS DIAS**

*Uma realidade morre por míngua ou por excesso. O século XVI viveu o esplendor místico nas figuras de Teresa de Ávila, de João da Cruz e outros. No século seguinte, inicia-se, na figura de Descartes e prossegue com os filósofos da Ilustração, a carreira vigorosa da racionalidade moderna, das idéias claras e distintas, fazendo calar as vozes que não cabiam nos quadros estreitos da razão iluminista. A mística caiu vítima dessa avalanche racionalista, sendo silenciada, por pertencer ao departamento dos sentimentos, da irracionalidade emocional, da religiosidade incontrolada.*

*De tempos em tempos, esse silêncio era rompido por rumores vindos de muitos cantos. O Espírito nunca se silencia a si mesmo nem se submete ao império de uma razão dominante. O início do século XX assistiu à conversão de uma plêiade de pessoas de ponta na cultura francesa, entre elas estavam as irmãs Vera e Raïssa que nos surpreenderam anos depois, com a publicação do Diário espiritual de Raïssa Maritain de alta finura mística. Eram ilhas isoladas num oceano de racionalidade. Recalcavam-se para o mais profundo do "homem iluminado" as pretensões do Divino.*

*À avalanche racionalista filosófica aderiu uma cultura cada vez mais tecnológica que multiplicava os objetos em quantidade nunca dantes vista para despertar desejos sempre maiores e mais sofisticados de consumo, acentuando o traço hedonista e materialista da modernidade do pós-guerra. Camadas e camadas de materialidade, de imanência pura, de rejeição de toda Transcendência soterravam qualquer ímpeto místico. A graça trabalhava na profundidade de muitos corações, no silêncio respeitoso, envolvido por ruídos dissonantes de uma cultura cada vez mais afastada do horizonte cristão.*

*Enquanto as botas militares dos nazistas devastavam países, assassinavam milhões de judeus, o coração ardente da judia Edith Stein atingia os píncaros da mística numa vida contemplativa, entregue totalmente a Deus em união*

*com o sofrimento de seu povo. Nunca saberemos das maravilhas místicas que existiam na escuridão do reino da maldade nazista. Certamente o mesmo acontecia na União Soviética de Stalin, que se tornara um dos maiores monstros do século pelos bárbaros crimes que cometeu. Mesmo nesse canteiro arenoso de cultura atéia germinava a mística oriental.*

*Mas tudo isso era mais silêncio que palavra, mais mistério que revelação, mais apofático que catafático, mais segredo que publicidade. Talvez por isso mesmo, mais autêntico, mais genuíno, mais puro. A caminhada da cultura moderna continuava, já não abafando o Espírito pela força tirânica do poder ateu nazista ou comunista, mas silenciando-o pela imposição do alarido midiático do prazer, do consumo, do materialismo capitalista. Uma cultura niilista, vazia de sentido e de valores transcendentais, alimentada unicamente pela sofreguidão da fruição imediata pela via dos sentidos, recalrava os desejos transcendentais.*

*Se a repressão calava as expressões espirituais, a modernidade hedonista corrompia por dentro o gosto de Deus e inibia a ação do Espírito. É o silêncio barulhento de uma sociedade centrada no indivíduo, na satisfação rápida e sempre mais intensa das necessidades e desejos. A sua sina é a “Tiranía do Prazer”(J.-Cl. Guillebaud), sem perguntar pelas conseqüências humanas e éticas de seu domínio.*

*Santo Agostinho conheceu tal jogo do império dos sentidos que tentava arruinar todo despontar espiritual no seu coração africano ardente. Em nível de indivíduo, ele testemunhou essa tensão interior. Quis calar com as formosuras de fora o balbuciar da beleza transcendente de dentro. Em dado momento, a força interior vence as resistências da busca sôfrega das atrações exteriores. “Tarde te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Eis que habitavas dentro de mim, e eu lá fora a procurar-te! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criaste. Estavas comigo, e eu não estava contigo! Retinha-me longe de ti aquilo que não existiria se não existisse em ti. Porém, chamaste-me com uma voz tão forte que rompeste a minha surdez! Brilhaste, cintilaste e logo afugentaste a minha cegueira! Exalaste perfume: respirei-o, suspirando por ti. Saboreei-te, e agora tenho fome e sede de ti. Tocaste-me e ardi no desejo da tua paz” (Conf. X, 38).*

*Está resumido em nível pessoal, o fenômeno social de surto religioso na hora presente. Estão em jogo três realidades: o incansável atuar de Deus no coração das pessoas por meio das criaturas, o encobrimento dessa voz divina pela sedução e absolutização dessas mesmas criaturas e o irromper dessa voz apesar de estar dentro de prisão angusta.*

*Qualquer verdadeiro movimento espiritual, místico, só tem uma fonte: Deus. “Deus habita nas criaturas; nos elementos, pelo ser; nas plantas, pelo crescimento; nos animais, pela sensação; nos homens, pelo entendimento” (Santo Inácio de Loyola, Exercícios Espirituais, n. 235). E ao morar no nosso cora-*

ção, criado à imagem e semelhança dele, produz uma conaturalidade experiencial. Voltar-se sobre ela, experimentá-la é a origem de toda mística. A agudeza do olhar espiritual de fé, a sensibilidade apurada, a atenção silenciosa a qualquer sussurro dessa presença captam esse estar de Deus em nós. A mística cristã é um movimento que pode parecer brotar de nossos desejos, de nossa busca de Deus, do esforço humano de subir até as alturas divinas, mas, na verdade, é o contrário. S. João ensinou-nos que Deus nos amou primeiro. Agostinho prossegue dizendo que só buscamos, porque já encontramos.

Um primeiro olhar sobre o fenômeno religioso atual revela a um cristão a incansável paixão de Deus pela humanidade. Se a hostilidade dos inimigos não calou a voz dos fiéis, se o sangue dos mártires foi semente de cristãos, também não será a sereia sedutora da modernidade avançada com sua onda materialista e hedonista que se sobreporá totalmente à voz da Transcendência. Por mais desafinadas que sejam as melodias espirituais, religiosas e chamadas “místicas”, sempre haverá nelas bemóis e sustenidos divinos, de pura melodia baquiana.

Nesse espírito de esperança e de otimismo da graça, K. Rahner não temeu dizer que “o cristão do futuro ou será um místico ou não será cristão”. Fala, portanto, de todo cristão e não de uma minoria seleta. Mas, em seguida, temendo ser mal-entendido, acrescenta: “Desde que não se entendam por mística fenômenos parapsicológicos raros, mas uma experiência de Deus autêntica que brota do interior da existência”. A partir de outro ângulo, mais como instinto interpretativo analítico cultural do que por sensibilidade teológica, o agnóstico pensador francês Malraux dizia na década de 70: “O século XXI será o mais religioso da história”.

A aguda sensibilidade espiritual e a fina criticidade do filósofo jesuíta H. Vaz alertam-nos para o esvaziamento semântico do termo mística, ao entrar no jargão midiático com o sentido de “uma espécie de fanatismo, com forte conteúdo passional e larga dose de irracionalidade”. Associam-se-lhe genitivos de natureza política, esportiva. Locutores de rádio semeiam essa palavra na transmissão de jogos de futebol ou de eventos absolutamente alheios a qualquer referência religiosa.

Nesses casos, torna-se fácil discernir a degradação semântica do termo mística. Nenhuma reflexão teológica leva a sério a expressão “mística de um clube esportivo” ou de um partido político. No entanto, quando o termo passeia por ambientes religiosos, a confusão é maior. A Escritura, a Tradição espiritual da Igreja oferecem-nos critérios para situar-nos com lucidez diante de tal fenômeno.

No sermão da Montanha, Mateus apela para a práxis como forma verificativa da experiência, usando a imagem da árvore. “Assim toda árvore boa é que produz bons frutos, enquanto a árvore má é a que produz maus frutos” (Mt

7,17). A prática, que acompanha o fenômeno dito ou chamado de “místico”, decide sobre sua autenticidade. A mística pede ética. A ética é a encarnação da mística. Ameaça-nos uma mística gnóstica de mera exposição ao calor e à luminosidade do sol do Uno. Para o gnóstico, a luz serve para nela banhar-se. Para o homem bíblico, a luz é para nela caminhar-se. A mística cristã fala, na linguagem joanina, de caminho sob a luz. “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não caminhará nas trevas, mas terá a luz que conduz à vida” (Jo 8,12). A gnose dissocia a experiência mística de uma prática concreta de compromisso com os pobres. Mateus, no sermão escatológico, recorda-nos a identidade do Senhor com os pobres, enfermos, encarcerados, despidos (Mt 25,40).

A luz da práxis alimenta-se também das ciências. O mesmo Senhor da graça e da natureza, o mesmo que age no interior das pessoas é o que o tece com as fibras da afetividade. Um olhar clínico sobre a estrutura psíquica dos pregoeiros da mística, sobretudo quando esta vem carregada de sinais extraordinários e estranhos, como visões, audições, palpitações, sensações corporais, contribui para discernir a ação do Espírito. Vale o princípio tomista de que a graça não supre a natureza, mas a aperfeiçoa. Quando a natureza revela desajustes tais, desconfia-se que já não seja a graça da experiência de Deus, mas alguma psicopatologia.

Os critérios avançam com cuidado para esferas mais íntimas. A mística é primordialmente experiência de Deus que se dá à criatura. Não é nenhum esforço hercúleo de esvaziamento de si por meio de técnicas de respiração e concentração para encontrar um Deus a nossa disposição. Inversão que faz duvidar da autenticidade cristã da experiência. A linguagem teológica antiga via aí um impulso pelagiano de uma natureza boa por si mesma e capaz ela mesma de produzir sua relação salvífica com Deus. Esquece a metáfora de Agostinho que nos compara com mortos à espera da ação do Deus que ressuscita e não com sadios que operam a própria salvação ou mesmo com enfermos que chamam o médico desde suas energias restantes.

Mística é sempre teologal. Nasce de Deus, alimenta-se dele e caminha para ele na força do Espírito. Não é um perder-se em si mesmo, nem um abraçar uma divindade cósmica difusa. É encontro com a Pessoa divina que nos vem ao encalço por puro amor.

Mais: a mística cristã passa pela carne. Qual carne? João responde: “Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa Jesus Cristo vindo na carne é de Deus” (1Jo 4,2). A carne é assumir o caráter en-carna-tório da maneira de experimentar a Deus. É nas experiências humanas, nas alegrias e tristezas, nos gozos e dores dos humanos, na práxis histórica do Filho Jesus que Deus se nos revela. Nada de um fechamento em si mesmo, de uma fruição do eu narcisista. A mística cristã desprega-nos de nós mesmos para lançarmos na aventura do compromisso por uma sociedade justa, fraterna, solidária.

*Assim evaporam-se muitas dessas místicas que rolam em grupos esotéricos e herméticos para puro prazer de seus fruidores. O cristão reivindica a carne da história, da experiência dos irmãos, especialmente dos deserdados desse mundo.*

*Sob esse ângulo, reconhecemos verdadeira mística em figuras de nosso tempo, como D. Hélder Câmara, Teresa de Calcutá, P. Alfredinho Kunz e tantos outros que arriscaram e estão a arriscar a vida pelos irmãos a partir de uma experiência profunda de Deus. Soam-nos ao ouvido as palavras de nosso Mestre Maior: “Quem quiser conservar a sua vida, a perderá; e quem, por amor de mim, perder a vida, a reencontrará” (Mt 10,39). Este “amor de mim” vale, sabemos-lo muito bem pelo próprio evangelho de Mateus, de qualquer irmão menor.*

*A mística cristã traça com clareza o itinerário interior, desde o momento inicial em que se experimenta o Espírito. Aí está a fonte primeira. A dimensão teologal necessária da mística. O Espírito conduz a Jesus. Parar no meio do caminho não nos dá garantia da autenticidade da realidade mística. Experiências carismáticas, cheias de entusiasmo, que se detêm nelas mesmas, sem chegar até ao Jesus da história, fogem do mistério da revelação de Deus na história dos homens na pessoa do Filho. Jesus nos conduz ao irmão. “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”. Aí termina o processo místico verdadeiro, para retomar a volta do irmão a Cristo, de Cristo ao Pai pelo Espírito.*

*Paulo entra na jogada das experiências místicas. Ele conheceu de perto o fenômeno na Igreja de Corinto. Animara os cristãos a entregarem-se à liberdade criativa do Espírito. De repente, viu a Igreja de Corinto incendiada por movimentos entusiásticos no sentido bem etimológico do termo – **evnqousiaw** – ser possuído pelos deuses nos mistérios religiosos –. Aí Paulo entra com toda a autoridade e prescreve critérios para discernir essas moções carismáticas.*

*Insiste que “a cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem comum” (1Cor 12,7). É o critério eclesial, comunitário. Por isso, ele valoriza mais a profecia que o dom das línguas. O que fala as línguas edifica-se a si mesmo, e o que profetiza edifica a comunidade (1Cor 14,1-5). Portanto quando incentiva a que se aspire aos carismas superiores (1Cor 12,31), pense-se naqueles carismas que mais constroem a comunidade. No centro está o serviço à comunidade, que brota da presença do amor de Deus em nós. A experiência mística, segundo os critérios paulinos, mostra sua verdade no momento em que ela redunde em crescimento espiritual da comunidade (1Cor 14,12). Que tudo se passe de maneira a edificar (1Cor 14,26).*

*A Igreja do Brasil e da América Latina conheceu momentos maravilhosos de compromisso libertador nos anos escuros da repressão. Vê-se agora atravessada por ondas carismáticas. Errados andaríamos se opuséssemos esses momentos. Havia muito carisma no compromisso heróico até o derramamento de*

*sangue de bispos como D. Oscar Romero, D. E. Angellelli, de sacerdotes como os PP. Burnier, Rodolfo, Josimo, os jesuítas da UCA, de leigos e leigas em ladainha infundável. Onde encontrar a força para dar a vida senão numa experiência profunda, mística de Deus?*

*As ondas carismáticas não vieram para substituir a anterior. Se o fizessem, mostrariam que viriam de outro espírito que o Espírito. Se brotam da mesma raiz ancestral do Espírito de Pentecostes, dão os mesmos frutos de entrega ao irmão, de reconhecimento do Absoluto de Deus, de seguimento do Senhor Jesus e de inserção na comunidade eclesial. Só no interior dessa criteriologia teológica temos condição de separar o grão alimentador do trigo da vida do joio estéril destinado ao fogo consumidor.*

*A mística na tradição soava antes como um adjetivo. Qualificava a experiência de Deus. Assentava-se na realidade da proximidade salvadora e santificadora de Deus, que na sua paixão ilimitada pelos humanos, se debruçava sobre eles em toque de misericórdia e bondade. Uma pós-modernidade alheia ao espírito evangélico faz dela um substantivo, que tem em si mesmo sua sub-stância. No fundo, é o ser humano que é a base última da mística nova-erana. A perspectiva cristã leva-nos a olhar para o verdadeiro substantivo – o Espírito divino no dom de si mesmo à liberdade da criatura– do qual a mística é mero adjetivo qualificativo. Apoiados no Deus do Amor que se deixa experimentar na dupla dimensão de Transcendência abissal e de Imanência interior encontramos luz para navegar nesse mar agitado pelas ondas racionalistas da negação da mística e pelas correntezas carismáticas ambíguas.*